

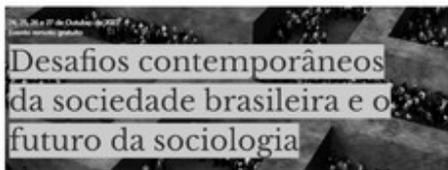
GT 02 – Sociedade e Vida Econômica

Quem dita as regras da educação gerencial para a “sustentabilidade”? Uma análise das escolas de negócios mais consagradas e vinculadas ao PRME da ONU

Bruno Costa Barreiros (UFBA)

Fernanda Barretto de São Pedro (UFBA)

Lucas Valoz Castellucci (UFBA)



Quem dita as regras da educação gerencial para a “sustentabilidade”? Uma análise das escolas de negócios mais consagradas e vinculadas ao PRME da ONU

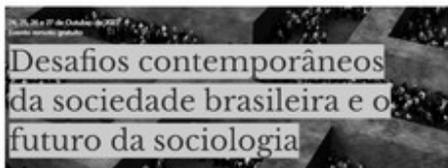
Bruno Costa Barreiros (UFBA)
Fernanda Barretto de São Pedro (UFBA)
Lucas Valoz Castellucci (UFBA)

INTRODUÇÃO

Este *paper* aborda um dos principais fenômenos associados à difusão internacional do ideário do “desenvolvimento sustentável”. Trata-se aqui da emergência de um mercado internacional de educação gerencial para a “sustentabilidade”, caracterizado, sobretudo, pela presença, do lado da oferta, de *business schools* e seus cursos especializados, e, do lado da demanda, de estudantes ou profissionais mais ou menos investidos no espaço empresarial. Neste artigo, nosso interesse analítico se restringirá ao subespaço da oferta, tomando como foco, mais especificamente, as propriedades sociais e as principais práticas discursivas das escolas mais bem reputadas e pioneiras no movimento pela apropriação da “sustentabilidade” e da “responsabilidade” no ensino gerencial: toma-se como foco a rede do PRME (*Principles for Responsible Management Education*)¹.

O PRME é uma das iniciativas vinculadas à Organização das Nações Unidas (ONU) que retratam melhor suas transformações, em termos de relações estabelecidas com Estados e empresas multinacionais. Se o foco da ONU, de sua fundação até os anos 1990, esteve voltado ao engajamento dos seus Estados-membros, foi com iniciativas como a comissão Brundtland e a Rio-92 que uma virada cognitiva importante começou a ser semeada

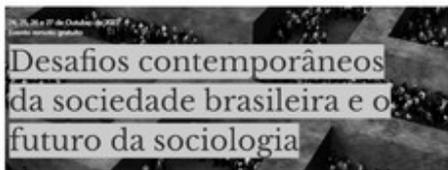
¹ Como o nome do movimento sugere, o PRME se constitui em torno de seis princípios para o ensino da chamada “gestão responsável” das empresas, os quais servem de parâmetros para avaliar as escolas signatárias. O primeiro princípio, *purpose*, se refere a uma mudança de propósito das Instituições de Ensino Superior em direção ao fomento do “desenvolvimento sustentável”. O segundo, *values*, trata da necessidade de que as IESs incorporem os valores pregados pelo Pacto Global da ONU. O terceiro princípio do PRME, *method*, é voltado à inovação no uso de metodologias de ensino para criar “líderes responsáveis”. O quarto, *research*, estimula a realização de pesquisas sobre “sustentabilidade empresarial” e “responsabilidade”. O quinto, *partnership*, incentiva a formação de parcerias entre empresas e instituições de ensino. Por fim, o sexto princípio, *dialogue*, ressalta que as signatárias devem dialogar com toda a sociedade sobre “desenvolvimento sustentável”.



(BENNIE *et al.*, 2007). Tal virada ganhou em visibilidade na virada do milênio, quando a aliança entre a ONU e grandes empresas no Pacto Global relegou os Estados nacionais à condição de coadjuvantes da implementação do “desenvolvimento sustentável”. Com o crescente papel do setor privado, surgiam então os pilares institucionais para que mercados do “desenvolvimento sustentável” (DEZALAY, 2007) pudessem ser construídos, os quais se tornaram cada vez mais complexos e diversificados.

Como elemento importante para a construção destes mercados, seus agentes participantes ou mais investidos agora produziam a crença, como componente de suas regras tácitas, de que Estados nacionais são menos eficazes, na promoção da “sustentabilidade”, do que o bloco internacional que fazia convergir a ONU e as empresas multinacionais. Entre esses mercados emergentes, Dezalay (2007) destaca o das consultorias empresariais especializadas e o de *expertise* jurídica em termos de meio ambiente. Adicionamos a esses exemplos o *mercado internacional de educação gerencial para a sustentabilidade*, sob análise nesta pesquisa e que tem então a ONU como grande regente de orquestra.

O fenômeno aqui em foco não tem sido estudado pelas ciências sociais, apesar de sua relevância para entender as características atuais do campo econômico internacional e, principalmente, a complexa relação que vem sendo estabelecida entre a ONU, Estados nacionais, as *business schools* e as grandes empresas privadas. Trata-se ainda de enxergar esta linha de pesquisa como uma das possíveis que podem contribuir para explicar as transformações disposicionais de novas gerações de *managers*, cada vez mais orientados por esquemas cognitivos, linguísticos e práticos marcados pelo ideário do “desenvolvimento sustentável”. Dentre os poucos trabalhos em sociologia com objetos de pesquisa afins, Blanchard (2009) mostrou como as escolas de negócios francesas têm construído um campo organizacional relativamente autônomo desde o fim do século XIX, marcado por um certo isomorfismo organizacional entre as *Grandes écoles* (e.g., INSEAD, HEC-Paris), para além da concorrência material (por recursos e alunos) e simbólica (legitimidade). Já Fourcade e Khurana (2013) sustentam a tese de uma coevolução entre a ciência econômica e a educação gerencial (i.e., *business education*) durante o século XX,

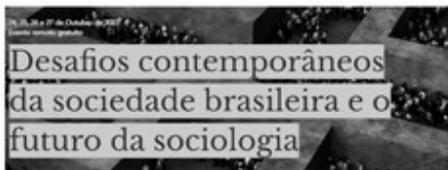


notando como o desenvolvimento das estratégias das escolas de negócios também repercute, numa via de mão dupla, em transformações nas ciências econômicas.

Sociologicamente, podemos entender o PRME da ONU, com surgimento em 2006, como uma rede internacional de instituições dedicadas à educação gerencial que se revelam como produtoras de cursos de especialização em “sustentabilidade” ou “responsabilidade”. Estas instituições ofertam aos seus estudantes consumidores (geralmente, jovens profissionais) a chance de adquirir bens simbólicos (e.g., diploma de especialista em “sustentabilidade”; legitimação como adepto da “sustentabilidade”) mediante quantias financeiras (na maioria dos casos) e exigências mais ou menos arbitrárias (e.g., experiência profissional prévia de dois anos, proficiência em línguas estrangeiras, pontuação mínima em exames de aptidão como o *General Management Admission Test* - GMAT). Compreendendo então um tal mercado socialmente construído, cujas repercussões são importantes sobretudo para os campos econômico e político contemporâneos, as questões que nos guiam neste *paper*, dedicado ao subespaço da oferta, são as seguintes: quem dita as regras da educação gerencial para a “sustentabilidade”? O que podemos apontar, em termos de propriedades sociais e tomadas de posição, das escolas de negócios tidas como as mais consagradas deste mercado?

NORTEADORES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

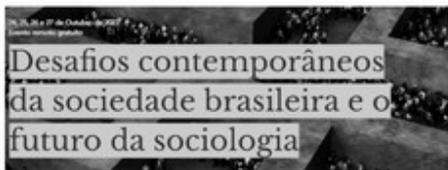
Primeiramente, central a esta pesquisa é a noção de mercado como espaço socialmente construído. Aqui, nos ancoramos na noção de mercado geralmente empregada por investigadores do campo da sociologia econômica. Estão entre os estudos exemplares de mercados específicos que inspiraram nossa forma de construir este objeto as seguintes pesquisas: casas próprias (BOURDIEU, 2003), morangos de mesa (GARCIA-PARPET, 2003), órgãos para transplante (STEINER, 2004) e, com uma temática mais próxima deste *paper*, investimento socialmente responsável (SARTORE, 2012). Em direção alinhada com essas pesquisas, mobilizar a noção de construção social do mercado significa enfatizar o



caráter historicamente situado, relacional e político, institucional e estruturante das trocas mercantis entre os mais diversos agentes participantes (e.g., produtores, distribuidores, vendedores, consumidores, agentes estatais). Numa perspectiva político-cultural da sociologia econômica, ancorada sobretudo nos trabalhos de Bourdieu (2003 e 2005) e Fligstein (2003), a análise da construção social dos mercados possui um olhar mais atento aos conflitos e afinidades que estruturam os espaços das trocas econômicas.

Em termos de desenho metodológico, a pesquisa combina métodos quantitativos e qualitativos – inspirada pelos aportes de Bourdieu (2008) e Creswell (2007). Após uma etapa preliminar de análise sociogenética da ideia de uma “educação para a sustentabilidade” nas escolas de negócios, três frentes analíticas foram desenvolvidas: 1) a cartografia social do espaço internacional das escolas de negócios, concentrando-se nas signatárias do PRME – esta frente se ancorou no levantamento das informações concernentes ao universo de 808 business schools signatárias da rede PRME (disponíveis no website institucional da rede), aqui encaradas como o conjunto principal de agentes da oferta do mercado internacional de educação gerencial para a “sustentabilidade”; 2) o mapeamento das propriedades sociais das escolas que compõem o estrato dominante deste subespaço da oferta, a aqui designada *Elite do PRME* – um subtotal de 25 escolas que concentram os maiores montantes de capital simbólico e de antiguidade no movimento pela “sustentabilidade” no ensino gerencial (com dados levantados nas bases de dados do PRME até dezembro de 2020); 3) análise das práticas discursivas da *Elite do PRME*. No que concerne às fontes de dados, a pesquisa recorreu sobretudo aos relatórios periódicos (chamados de SIP - *Sharing Information on Progress*), obrigatórios às escolas signatárias de *status* moderado a elevado, disponibilizados no website institucional do PRME.

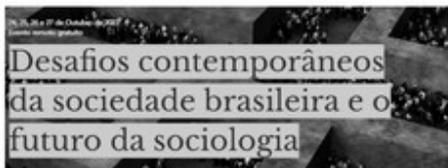
O levantamento das propriedades sociais do grupo de escolas de negócios que compõem a *Elite do PRME* se ancorou nas seguintes dimensões analíticas: 1) origens sociais; 2) tipos de capital; 3) apropriação da “sustentabilidade”; 4) engajamentos e alianças. Na primeira dimensão, nos concentramos nas informações relativas aos seus processos históricos de surgimento, além das formas utilizadas pelas escolas para narrar as suas origens e as suas fundações. Já para a segunda dimensão, relativa aos montantes dos



diversos tipos de capital, recorreremos a indicadores tais como as certificações internacionais, as posições em rankings consagrados, as premiações, a participação de membros da escola em governos e/ou partidos políticos, seus países de atuação, a densidade de alunos e docentes estrangeiros e as participações, ou não, em movimentos sociais ligados à promoção da agenda da “sustentabilidade”.

Para a dimensão da apropriação da “sustentabilidade”, voltamos a nossa atenção para a forma como as escolas incorporam o ideário nos seus currículos, os seus cursos específicos e o nível de objetivação interna, medida a partir da criação de centros, entidades, grupos de pesquisa etc. Por fim, analisamos os engajamentos e alianças das escolas, mensuradas, principalmente, pelo seu envolvimento ativo em movimentos pró-sustentabilidade, como aqueles encabeçados pela ONU, por grupos empresariais ou por redes de pesquisas. Além disso, também analisamos as parcerias que cada uma das 25 escolas que compõem a *Elite do PRME* mantinham com outras escolas de negócios, empresas, terceiro setor e governos.

A investigação deste grupo de *business schools* envolveu ainda uma atenção especial às enunciações performativas. Em convergência com Saint-Martin (2008), é mais importante aos sociólogos interessados em estudar elites entender como os grupos dominantes prescrevem ações do que traçar fronteiras sobre quem faz parte desses grupos ou não. As prescrições ou enunciações performativas ocorrem nas mais variadas trocas linguísticas deste mercado de educação gerencial. Podemos exemplificar aqui três tipos de situações de enunciação nas quais estas prescrições podem ser apreendidas: 1) um(a) diretor(a) de uma *PRME Champion* profere uma conferência, em um encontro periódico do PRME, e *recomenda* que os representantes das escolas ali presentes adotem tais ou quais reformas curriculares ou que privilegiem a contratação de docentes com determinadas trajetórias acadêmicas ou profissionais; 2) um representante de uma *PRME Champion* conversa informalmente com outro representante de uma *Basic Signatory* e, considerando a assimetria de seus montantes de capital simbólico, *sugere* que a *business school* se torne parceira de certa organização do terceiro setor promotora da agenda do “desenvolvimento sustentável”; 3) uma *PRME Champion* publica em seu website institucional e no site do



PRME um documento com os processos necessários para *colocar em prática*, de modo legítimo, os tais princípios da gestão “responsável”. Considerando a viabilidade de coleta de enunciações para esta pesquisa sociológica, utilizamos aqui apenas o tipo de fonte que reflete este terceiro exemplo, ou seja, os relatórios periódicos das escolas que aqui designamos como a *Elite do PRME*.

A análise destes enunciados performativos esteve embebida na investigação mais ampla das práticas discursivas destas *business schools*. Foi foco de nosso interesse, como materiais relevantes para a compreensão das tomadas de posição das escolas negócios: 1) as maneiras de narrar as histórias das escolas, variando entre aquelas afirmações de origem institucional como sendo mais ou menos associadas à ideia de “sustentabilidade” e de “responsabilidade” (i.e., as mais precoces e as mais tardias, em suas adesões à causa); 2) os sentidos empregados para os significantes “sustentabilidade” e “responsabilidade”; 3) as justificativas para o engajamento em prol do “desenvolvimento sustentável” e da “liderança responsável”; 4) as críticas ao chamado “business as usual”; 5) as críticas ao modelo ortodoxo de ensino gerencial.

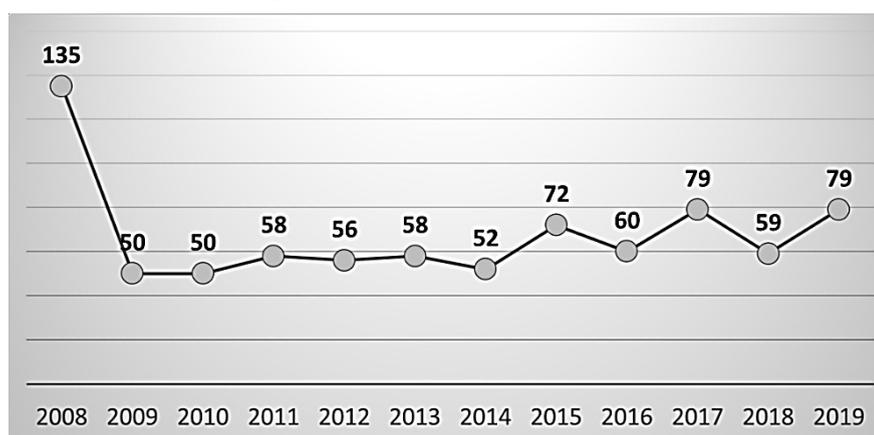
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para apresentar os achados desta pesquisa, a seção de discussão dos resultados foi organizada da seguinte maneira: primeiramente, delimitaremos a *Elite do PRME*, uma análise sociológica baseada em antiguidade e capital simbólico do subespaço dos agentes da oferta do mercado de interesse; em seguida, trataremos das origens e trajetórias, os pontos de partida da *Elite do PRME*; em um terceiro momento, analisaremos, em linhas gerais, dado o limite de escopo deste *paper*, dos sentidos, maneiras de apropriação da “sustentabilidade” e tomadas de posição heterodoxas, com destaque para seus enunciados performativos, aqueles mais capazes de engendrar práticas das demais escolas de negócios investidas neste mercado.

A delimitação da Elite do PRME

O PRME tem mantido o recrutamento de novos agentes integrantes (i.e., novas *business schools* signatárias) por mais de uma década, aumentando, ano a ano, sua relevância nos campos econômico e acadêmico. De fato, o pico de adesão ocorreu em seu primeiro ano (2008) com 135 escolas signatárias, perdendo parte da força entre os anos de 2009 e 2014 (média de 54 escolas signatárias ao ano). No período seguinte, entre 2015 e 2019, o recrutamento de membros voltou a crescer em volume de novos integrantes (média de 70 signatárias ao ano).

Gráfico 1. Business schools signatárias do PRME – números absolutos de 2008 a 2019

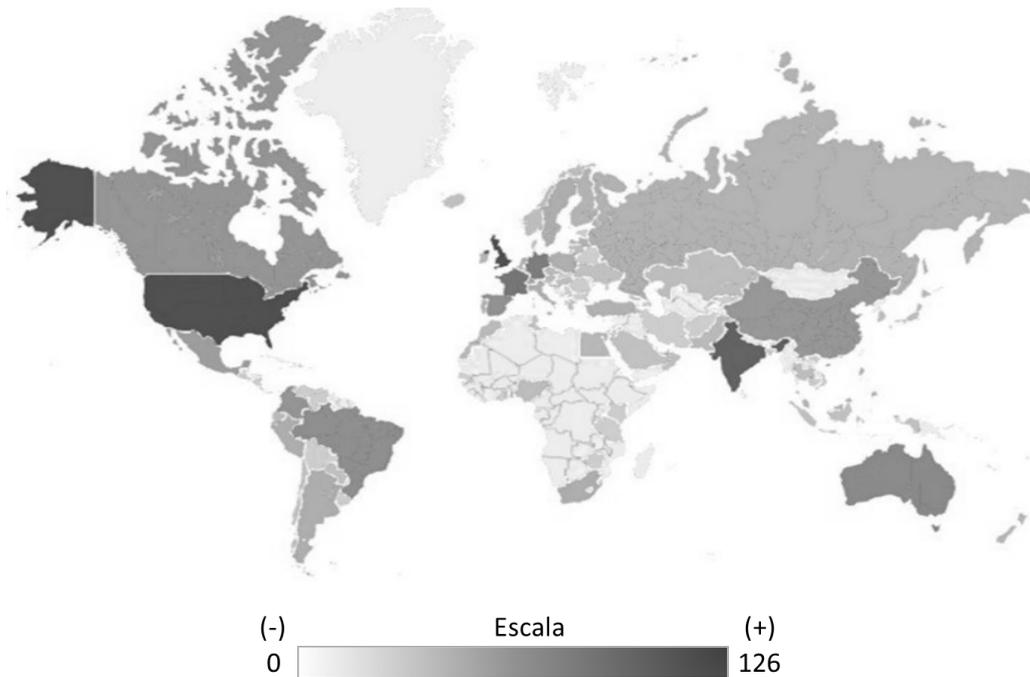


Fonte: elaboração própria, 2021.

O levantamento junto às bases de dados do PRME (consultadas até 2020) confirma o caráter global do movimento, com escolas signatárias que estão sediadas em todos os continentes, desde países centrais (e.g., EUA, França, Japão) até os mais periféricos (e.g., Quênia, Paquistão, Panamá). O espaço nacional estadunidense concentra o maior contingente de *business schools* signatárias do PRME, com 126 instituições de ensino diferentes, seguido pelo espaço britânico, com 80 signatárias. Em um patamar intermediário, destacam-se os seguintes países (contingentes entre parênteses): Índia (49), França (39), Alemanha (35), Austrália (29), Brasil (27), Espanha (25), Canadá (23),

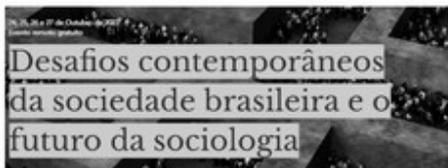
Colômbia (23) e China (22).

Gráfico 2. Distribuição de *Business schools* signatárias do PRME ao redor do mundo



Fonte: elaboração própria, 2021.

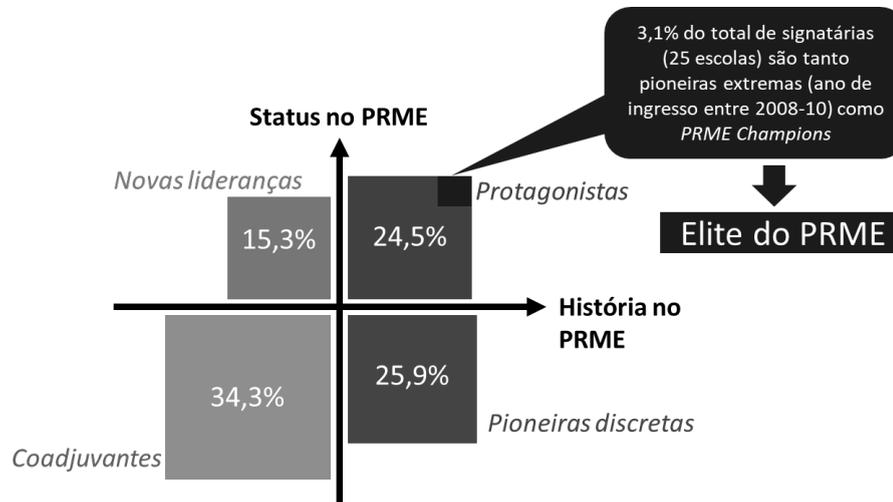
Cada escola signatária tem o seu desempenho avaliado por meio de um relatório padronizado, submetido periodicamente (geralmente a cada 2 anos), chamado de *Sharing Information on Progress* (SIP). Contudo, algumas signatárias não cumprem com essa divulgação, o que não as exclui necessariamente do movimento, mas as colocam na categoria de *non-communicating signatories* (21,9%), o *status* mais baixo da hierarquia simbólica. Subindo um degrau, estão as *basic signatories* (38,2%), que cumprem com a divulgação dos relatórios SIPs, mas não são bem avaliadas em todos os 6 princípios. Na base de dados de 2020 do PRME, estas duas primeiras categorias representavam cerca de 6 em cada 10 signatárias (60,1%). Em seguida, aparecem as *advanced signatories*, que são percebidas como tendo um ótimo desempenho em todos os 6 princípios: estas últimas constituem aproximadamente um terço da rede de signatárias (35,3%).



O topo da hierarquia, apenas 4,6% das *business schools* signatárias em 2020, é ocupado pelo grupo das *PRME champions*, consagradas internamente pela excelência nos 6 princípios, além da capacidade de liderança nos *Chapters* (segmentações do PRME por região). A organização do desempenho das participantes do PRME (*PRME champions, advanced, basic, non-communicating*) não deve ser entendida como uma classificação técnica e neutra. Ela possui um teor de classificação política, definindo as distâncias, endossando uma certa assimetria de poder entre as *business schools* e conferindo sobretudo um capital simbólico importante às *PRME champions*. Desta maneira, estes últimos se tornam então mais capazes de performar, de estabelecer as regras e normas do mercado em formação, as quais serão mais ajustadas aos seus próprios interesses.

A fim de aprofundar a análise das clivagens internas do movimento, e, portanto, dos agentes situados no subespaço da oferta deste mercado, foi feito um cruzamento entre a hierarquia de *status* no PRME (categoria nativa) e a antiguidade no movimento (aferida pelo ano de ingresso). Do total de integrantes do PRME em 2020, cerca de um quarto são as aqui chamadas de *Protagonistas*, as quais detêm um montante acima da média de capital simbólico ao mesmo tempo em que possuem antiguidade no espaço. Dentre as *Protagonistas*, a análise afunilou um pouco mais e delimitou a *Elite do PRME*: signatárias nos 3 primeiros anos do movimento e consideradas como *PRME Champions*, a consagração simbólica mais elevada. Os demais estratos, dirigidos pela *Elite do PRME*, são os seguintes: as *Pioneiras discretas*, que ingressaram no movimento entre 2008 e 2013, mas que possuem *status* máximo de *basic signatory*; as *Novas lideranças*, que entraram tardiamente no movimento (entre 2014 e 2019), mas são consideradas no mínimo como *advanced signatories*; por fim, as *Coadjuvantes*, que também ingressaram tardiamente no movimento e apresentam *status* máximo de *basic signatory*.

Figura 1. Reconstrução dos estratos sociais e delimitação da elite – matriz bivariada

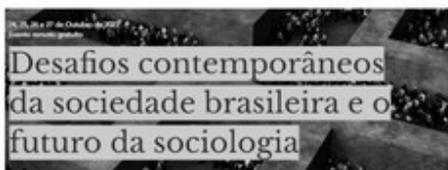


Fonte: elaboração própria, 2021.

A estratégia analítica da presente pesquisa está centrada justamente no grupo de signatárias aqui delineadas como a *Elite do PRME*, composto por 25 *business schools* (3,1% da base de signatárias do PRME – dados obtidos até 2020) de 18 países diferentes, de todos os continentes. Ancoradas na antiguidade e em montantes significativos de capital simbólico, as *business schools* que compõem esse grupo dirigente são as responsáveis pelas prescrições das regras deste mercado, por ditar o seu ritmo.

Tabela 1. As 25 escolas integrantes da *Elite do PRME*

País	<i>Business schools</i>
África do sul	Gordon Institute of Business Science (GIBS)
	GSB – University of Cape Town
Austrália	La Trobe Business School
Bielorrússia	IPM Business School
Brasil	Fundação Dom Cabral (FDC)
	ISAE – FGV
Canadá	University of Victoria Gustavson School of Business
Colômbia	Externado University Management Faculty
Costa Rica	INCAE Business School
Dinamarca	Copenhagen Business School
EAU	University of Dubai



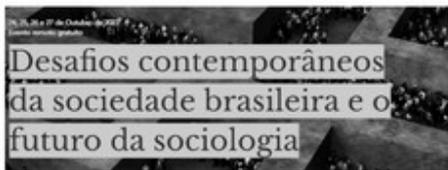
EUA	Babson College
	SBGE - Seattle Pacific University
	The Peter J. Tobin College of Business
Filipinas	Asian Institute of Management (AIM)
Finlândia	Hanken School of Economics
França	Audencia Nantes School of Management
Irlanda	Kemmy Business School
México	EGADE
Rússia	IBS-Moscow
Reino Unido	Nottingham University Business School
	Winchester Business School
Suíça	Business School Lausanne
	University of Applied Sciences of the Grisons
	University of St. Gallen

Fonte: elaboração própria, 2021

Origens e trajetórias: os pontos de partida da Elite do PRME

Quando analisamos as diferentes maneiras de contar as histórias das fundações destas *business schools* que compõem a *Elite do PRME*, identificamos variações importantes entre as integrantes. As narrativas sobre o contexto de fundação são fundamentais para o entendimento das estratégias de legitimação destas escolas de negócios no âmbito das instituições de ensino superior, bem como as suas motivações e recursos para inserção em movimentos pró-sustentabilidade. De modo geral, os relatórios SIPs trazem consigo os interesses expressivos destas *business schools* de apresentarem a si mesmas como instituições de ensino intrinsecamente vinculadas à causa do “desenvolvimento sustentável” e da “gestão responsável”. Na maior parte dos relatórios analisados, estes modos de narrar a própria história são balizados por textos assinados por suas lideranças acadêmicas, a saber, docentes que ocupam as posições mais elevadas nas hierarquias internas (e.g., presidente, diretor-geral, coordenador pedagógico, reitor, vice-reitor).

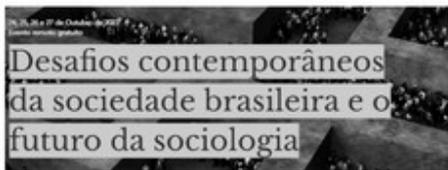
Identificamos uma primeira maneira de narrar a própria história de fundação como sendo aquela utilizada por certas escolas que narram a sua origem em torno das trajetórias pessoais e profissionais de seus fundadores. O interesse expressivo é o de atrelar suas



características e valores institucionais às de seus agentes fundadores. Costumam também atribuir uma coerência entre a “sustentabilidade”, o “engajamento social” e a “ética”, considerados sempre presentes na história destes agentes – uma estratégia de narrativa que investe no potencial de herança do capital simbólico de seus fundadores. Assim, é recorrente o enaltecimento à figura do “homem de negócios”, do “filantropo”, que funda ou financia a fundação de uma *business school*, considerada por eles como potente via de transformação social.

Um caso exemplar é o da *Babson College*, instituição estadunidense cujo nome se deve a Roger Babson. Trata-se de um economista que, após ser reconhecido como primeira pessoa a prever a Grande Depressão, expandiu o seu *status* e montante de capital econômico, tornando-se também filantropo, formador de uma igreja que tentava angariar fiéis através de estratégias semelhantes às mobilizadas em estabelecimentos comerciais (e.g., abertura a todos os públicos e crenças, disponibilidade 24 horas por dia, dentre outras), além de agente político, concorrendo às eleições presidenciais dos Estados Unidos em 1940. Igualmente, é possível citar a *Gordon Institute of Business Science (GIBS)*, localizado na África do Sul, cujo nome se deve à Donald Gordon, *businessman* e filantropo responsável pela doação que deu origem à GIBS na *University of Pretoria*. Sabemos, principalmente devido ao trabalho empreendido por Sartore (2012), que uma das bases históricas para a forma como agentes empresariais se apropriam da “sustentabilidade” e da “responsabilidade” (e, aqui, escolas de negócios) reside justamente na “filantropia empresarial”.

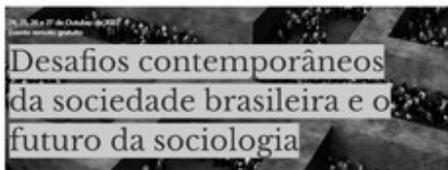
Outro tipo de narrativa é a que atribui foco não aos agentes fundadores, mas ao grupo ao qual a escola participa. Consideramos aqui que se trata de uma perspectiva mais associativista, cuja ênfase recai sobre a criação de associações e redes de escolas de negócios, sendo estas conexões de grande relevância para a proposição conjunta de projetos de pesquisa e extensão em prol da sustentabilidade. Como exemplo, é possível citar a *Business School Lausanne*, que faz parte do *Lemania Swiss Group of Schools*, o qual integra desde 1997. No que se refere às escolas de natureza pública, destacam-se a *La Trobe Business School* (Austrália), *Nottingham University Business School* (Reino Unido),



The University of St.Gallen (Suíça), *Kemmy Business School*, *University of Limerick* (Irlanda). Neste tipo de configuração os recursos financeiros mobilizados são, em grande parte ou totalmente, oriundos do Estado, sendo o aparelho burocrático mobilizado no estabelecimento de parcerias internacionais, com outros Estados ou escolas de negócios estrangeiras, inclusive nos projetos, eventos e pesquisas relacionados à “sustentabilidade”. Dentre as *business schools* públicas, duas se destacam por terem sido estatizadas ao longo de sua história, ambas escandinavas: a *Hanken Business School* (Finlândia) e a *Copenhagen Business School* (Dinamarca). Essas duas escolas se destacam por terem sido fundadas por um grupo de comerciantes, no caso da primeira, e por um consórcio de empresários, no caso da segunda.

Por fim, há escolas que narram suas origens como uma junção de esforços entre agências financiadoras públicas e/ou privadas, instituições de ensino superior consolidadas e/ou associações empresariais e *Think Tanks*. Este é o perfil encontrado na origem do *Asian Institute of Management* (Filipinas), criado por um grupo de proeminentes líderes em negócios, instituições acadêmicas das Filipinas, a *Harvard Business School* e o apoio de agências financiadoras como a *Ford Foundation*. Esse também é o caso do *INCAE Business School* (Costa Rica/ Nicarágua), cuja fundação partiu da cooperação entre os presidentes da Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e o presidente dos EUA, sendo a *Harvard Business School* a encarregada pela sua criação, o que reforça a importância da circulação de ideias de origem estadunidense, associadas ao “*management*”, pelos mais diversos espaços nacionais.

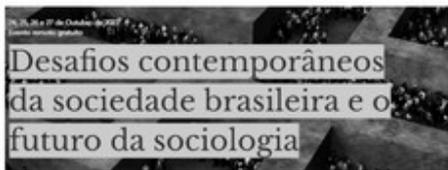
No caso da Fundação Dom Cabral (Brasil), a narrativa é a de que a escola surgiu em um grupo de extensão na PUC, a partir do qual os fundadores Dom Serafim Fernandes de Araújo e Emerson de Almeida, que trabalhavam na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), obtiveram contatos e suporte financeiro de empresários. Tais apoios financeiros, políticos e de capital simbólico são mobilizados também na execução das ações em prol da “sustentabilidade”, sendo notável o estabelecimento de parcerias com diferentes esferas do terceiro setor (associações, movimentos sociais, grupos empresariais, promotores dos preceitos sustentáveis e etc.). Esse tipo de fundação das escolas chama a



nossa atenção para a importância do papel que *Think tanks*, agentes econômicos e escolas de maior consagração podem ter na fundação de outras escolas de negócios.

Há, ainda, uma forte presença da religião e da filantropia nos relatos das histórias institucionais de algumas das escolas analisadas. Ora são relevantes na trajetória pessoal e profissional de alguns fundadores, ora as próprias associações religiosas são as fundadoras. No primeiro perfil, é possível citar, além dos já mencionados Roger Babson e Donald Gordon, a trajetória de Dom Serafim, que a partir do seu vínculo com a Igreja católica desenvolve capital cultural e simbólico, os quais foram fundamentais no seu acesso à vida acadêmica, influência dentre grupos empresariais e reconhecimento público, mobilizados na legitimação da própria FDC. Como exemplos do segundo perfil, podemos citar *The Peter J. Tobin College of Business*, que integra a *St. John's University*, fundada nos Estados Unidos por uma comunidade vicentina católica, e a *University of Winchester*, instituição do Reino Unido, de origem anglicana. Desta forma, a religião e a filantropia se constituem enquanto relevantes para a obtenção de recursos financeiros, capital simbólico e estabelecimento de conexões com outras escolas de negócio e associações, mobilizados também na realização de pesquisas, eventos e projetos em prol da sustentabilidade.

No que concerne às origens e trajetórias dos fundadores, observamos que o perfil desses agentes converge em suas trajetórias, com várias passagens em profissões liberais, como Advocacia, Contabilidade, Economia, Engenharia e Administração, raras passagens pelo setor público e algumas passagens por instituições religiosas. A presença de negócios familiares é recorrente, mas não é a regra. No caso das escolas de negócios públicas, o fundador tende a não estar sozinho, logo, a fundação é atribuída à câmara de comércio local, a um decreto ou ação coletiva de legisladores e governadores. Para ilustrar os perfis mencionados, mencionamos a formação de Emerson de Almeida (cofundador da Fundação Dom Cabral) em Economia, e do arcebispo Dom Serafim (também fundador da FDC) em Teologia, Direito Canônico, com passagem pela área de Comunicação. Outro perfil de formação educativa e profissional interessante é o compartilhado por Eugenio Garza (principal fundador do *Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey*, que criou a *Egade Business School*) e Roger Babson, ambos formados em engenharia pelo



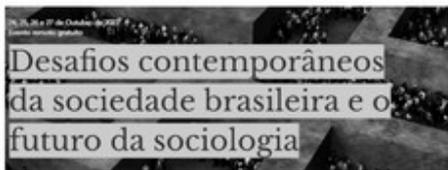
Massachusetts Institute of Technology (MIT), por insistência familiar, mas sempre inclinados aos negócios, buscando posteriormente conhecimentos em economia e contabilidade, áreas nas quais desenvolveram suas carreiras.

É possível considerar que as escolas analisadas possuem, em sua maioria, alto grau de capital cosmopolita, constatado através de numerosas parcerias internacionais, além de considerável densidade de docentes e estudantes estrangeiros. Nesse sentido, a *Audencia Business School* (França) se destaca com 29% de alunos internacionais (1.217 de 4194 alunos) e 40% de docentes estrangeiros (66% internacional em 2022), de acordo com o *Rapport D'Activité 2015 & Responsabilité Sociétale Des Entreprises*. Também como indicador de capital cosmopolita, mas sobretudo de capital simbólico, percebemos na maior parte dos relatórios SIP a valorização de sistemas de avaliação e credenciamento, em especial os que compõem a chamada *Triple Crown Accreditation* (AMBA, EQUIS e AACSB). Apesar das certificações e do montante global de capital que esta *Elite do PRME* concentra, estas escolas de negócios não são dominantes no mercado mais amplo de educação gerencial. Acerca disso, é possível destacar dois aspectos posicionais mais importantes: 1) trata-se de um grupo dirigente consideravelmente europeu, dado que metade da *Elite do PRME* é formada por *business schools* europeias; 2) é um estrato com baixo nível de consagração no mercado de educação gerencial mais amplo, uma dedução da discreta presença em rankings consagrados de cursos gerenciais como os do *Financial Times*².

Sentidos, apropriação da “sustentabilidade” e heterodoxia

Do *corpus analítico* composto por 25 relatórios SIP correspondentes às escolas que compõem a *Elite do PRME*, procuramos compreender a direção das prescrições normativas, vinculadas aos próprios interesses expressivos. O caráter prescritivo de muitos extratos

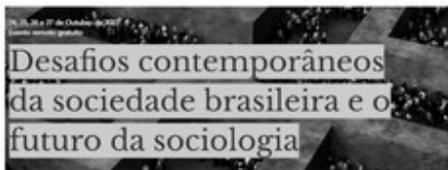
² Apenas 2 integrantes da elite do PRME - Babson College (EUA) e University of St. Gallen (Suíça) - aparecem entre as 100 escolas de destaque no último ranking de *Global MBA* do Financial Times e apenas 3 delas - Copenhagen Business School (DEN), IBS-Moscow (RUS) e INCAE (Costa Rica) - figuram no último ranking de *Executive MBA* do Financial Times.



textuais pode ser percebido desde as seções correspondentes às histórias de fundação destas escolas de negócios, como discutido anteriormente, mas ganha em evidência quando observamos as maneiras de dar sentido aos significantes “sustentabilidade” e “responsabilidade”. Recorremos à mesma classificação de produção de sentidos utilizada em uma pesquisa anterior voltada à elite de *top managers* adeptos da “sustentabilidade empresarial” (BARREIROS, 2019). Seriam então três tipos sentidos conferidos à causa da “sustentabilidade”: 1) pragmático – uma concepção instrumental da “sustentabilidade”, que enfatizam a busca pela garantia da legitimidade das empresas para operarem em seus processos produtivos e comerciais; 2) existencial – relativo a um propósito filosófico ou até espiritual, percebendo o “caminho sustentável” como um propósito maior para com a humanidade; 3) crítico – o questionamento do primado da dimensão econômica (e.g., maximização dos lucros) frente à dimensão socioambiental (e.g., preservação dos recursos naturais de um país).

As escolas que compõem a Elite do PRME ancoram suas enunciações nestes três tipos de sentidos, mas percebemos a dominância de uma combinação peculiar entre os sentidos pragmático e existencial, provavelmente devido ao fato de o primeiro dos princípios do PRME ser justamente o *purpose*, que promove a crença de que as escolas de negócios possuem um propósito de fomentar lideranças profícuas para humanidade ao mesmo tempo em que convoca para a ação mais racionalmente justificável de engajamento com a causa. Assim, quando tratam de conferir um sentido para as ideias de “sustentabilidade” e de “responsabilidade”, estas escolas de maior reputação se esforçam para disseminar uma crença que afronta a tese de que *business schools* produzem gestores empresariais descompromissados com todo e qualquer objetivo diferente da maximização dos lucros.

A partir do sentido dominante, o existencial, podemos supor que a justificativa predominante de engajamento na causa seja justamente este objetivo de contribuir para o bem comum, o que dialoga com uma das bases para justificar o capitalismo, tão consolidada pelo trabalho de Boltanski e Chiapello (2009). A Babson College (EUA), por exemplo, em seção do relatório assinada pela sua então diretora geral, revela uma crença de

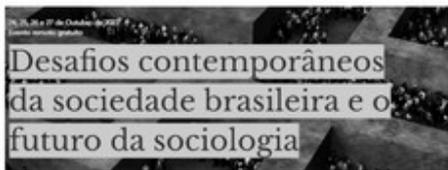


que as escolas de negócios podem formar novos tipos de líderes que “vão liderar de uma nova maneira, criando valor social e econômico simultaneamente e, ao fazê-lo, transformando vidas, negócios e comunidades para melhor”. A crença produzida está retratada na passagem textual seguinte: “essa visão redefine o papel dos negócios na sociedade”. Através da mesma citação da Babson College (EUA) podemos ilustrar ainda as críticas que a *Elite do PRME* faz, ainda que velada, na maior parte das vezes, ao modo convencional de fazer negócios (*business as usual*), prescrevendo uma nova forma de encarar os desafios socioambientais como “[...] oportunidades de mercado, não apenas sobre o gerenciamento de riscos e o fornecimento de dólares filantrópicos”.

A Babson está preparando empreendedores que vão liderar de uma nova maneira, criando valor social e econômico simultaneamente e, ao fazê-lo, transformando vidas, negócios e comunidades para melhor. Essa visão redefine o papel dos negócios na sociedade. O papel emergente e o novo propósito dos negócios não está apartado da sociedade, sendo então um motor de incrível crescimento econômico, social e ambiental. Na Babson, a gestão responsável é apenas uma parte da história. As escolas de negócios podem ensinar os princípios básicos do PRME, mas, à medida que nos esforçamos para aproveitar o poder dos negócios e do empreendedorismo para o bem comum futuro, devemos entender verdadeiramente as complexidades de nosso mundo interconectado e cultivar parceiros estratégicos importantes para favorecer a mudança [...] A história do futuro será sobre como as empresas encaram os dilemas sociais e as questões sociais como oportunidades de mercado, não apenas sobre o gerenciamento de riscos e o fornecimento de dólares filantrópicos. Sabemos que o empreendedorismo é a força mais poderosa para criar mudanças positivas no mundo (extraído de BABSON College - SIP report, 2016, p.2, tradução nossa³)

As críticas ao modelo convencional de gerenciar empresas estão intimamente relacionadas aos ataques, também geralmente implícitos, ao modo ortodoxo de ensino gerencial. O conjunto de disciplinas heterodoxas da GIBS (África do sul) serve de exemplo,

3 Trecho original: “*Babson is preparing entrepreneurs who will lead in a new way, creating social and economic value simultaneously, and, in doing so, transforming lives, businesses, and communities for the better. That vision redefines the role of business in society. The emerging role and new purpose of business is not to separate from society, but to be an engine of incredible economic, social, and environmental growth. At Babson, responsible management is only a piece of the story. Business schools can teach the core principles of PRME, but as we endeavor to harness the power of business and entrepreneurship for future good, we must truly understand the complexities of our interconnected world and cultivate key strategic partners to affect change [...] The future story will be how business looks at societal dilemmas and social issues as market opportunities, not merely about managing risk and providing philanthropic dollars. We know that entrepreneurship is the most powerful force for creating positive change in the world.*” (extraído de BABSON College - SIP report, 2016, p.2)

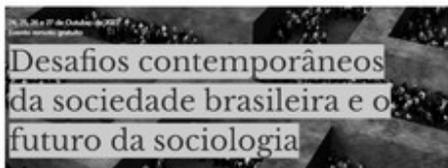


como caso do curso sobre o “Líder Moral” (vide abaixo). As disciplinas que aparecem nos relatórios analisados reforçam resultados de frentes anteriores de trabalho de um dos autores deste *paper* de que a reprodução de novos quadros da “sustentabilidade empresarial” se baseia numa estratégia dupla: aprendizado de ferramentas heterodoxas de gestão e transmissão de uma disposição para a sustentabilidade (BARREIROS, 2022).

O LÍDER MORAL - Apresentado pela Dra. Zukiswa Mthimunye - Para muitas pessoas, o MBA marca uma transição de carreira de uma função especializada, muitas vezes um papel profissional, que é determinado para elas, para uma outra que exige uma perspectiva mais ampla da gestão geral e a surpreendente descoberta de que elas podem escolher aonde levar a organização pela qual são responsáveis. O Líder Moral é uma oportunidade para os participantes como líderes considerarem a base de sua direção de vida e para onde estão levando outras pessoas. A meta é ajudar os alunos a compreender seu próprio impacto de liderança, como melhorá-lo e como assumir o controle da direção para a qual estão liderando os outros. (extraído de Gordon Institute of Business Science - relatório SIP – 2018. Tradução nossa⁴).

As formas de se apropriar da “sustentabilidade” estão associadas às tomadas de posição heterodoxas em matéria de ensino gerencial. Como estratégias para apropriação da sustentabilidade no currículo e estrutura interna das escolas estudadas, podemos destacar: a) a criação de centros e comissões de Ética, geralmente encarregados da revisão curricular, avaliação da sustentabilidade no *campus* e elaboração de outros órgãos e setores responsáveis pela disseminação dos preceitos sustentáveis; b) a inclusão de disciplinas sobre Gestão de Riscos e Ética, seguidas de disciplinas optativas e disciplinas obrigatórias na graduação e pós graduação; c) a criação de programas e cursos específicos para o tema da “sustentabilidade”; d) a inserção da “sustentabilidade” nos critérios de avaliação pedagógica e participação em sistemas de credenciamento e avaliação institucional; e) a incorporação da “sustentabilidade” pelos discentes observável através da criação de

4 Trecho original: “*The moral leader - Presented by Dr Zukiswa Mthimunye - For many people the MBA marks a career transition from a specialized, often professional role that is determined for them, to one demanding a wider perspective on general management and the surprising discovery that they can choose where to take the organization they are responsible for. The Moral Leader is an opportunity for participants as leaders to consider the basis of their life direction and where they are taking other people. The aim is to help students understand their own leadership impact, how to enhance it and how to take control of the direction in which they are leading others*”. (extraído de Gordon Institute of Business Science – SIP report – 2018).



associações estudantis, empresas, projetos de extensão voltados à sua promoção; f) o estabelecimento de parcerias com outras escolas de negócios, centros de pesquisa, associações, movimentos internacionais igualmente investidos na causa da “sustentabilidade”.

O ingresso de cada uma destas *business schools* no PRME, e a forma como se destacam neste movimento internacional vinculado à ONU, não pode ser desvinculado de uma das principais linhas da estratégia deste grupo dirigente. Nos relatórios analisados, a ideia de “internacionalização” aparece de forma bastante vinculada ao engajamento das escolas que compõem a Elite do PRME. Em outras palavras, trata-se de justificar a militância pela “sustentabilidade” e pela “responsabilidade” a partir das oportunidades de aquisição daquilo que podemos chamar de capital cosmopolita. Em termos objetivos, trata-se de ampliar a capacidade de atrair tanto docentes como discentes de outros países, de abrir filiais em territórios estrangeiros - no caso das europeias, criando filiais no território asiático – e de estabelecer parcerias com *business schools*, empresas, associações e movimentos empresariais estrangeiros. É interessante ressaltar que essa espécie de capital cosmopolita almejado pela *Elite do PRME* pode ser convertido em capital político, permitindo a participação de representantes da *business school* em debates sobre “modelos de desenvolvimento” em espaços estatais ou supranacionais. Apesar desta potencialidade, não foram encontradas muitas evidências, nos relatórios que utilizamos como fontes, sobre a circulação de agentes ligados a estas *business schools* por campos políticos nacionais ou internacionais.

Figura 3. PRME e a estratégia de “internacionalização”: exemplos da Colômbia e da França



Fonte: extraídos de Universidad Externado de Colombia - SIP report - 2019 (à esquerda) e de Audencia Business School - SIP report - 2015 (à direita).

Embora o *mercado internacional de educação gerencial para a sustentabilidade* tenha indícios de crescimento e de consolidação - amplo e crescente contingente de agentes da oferta e da demanda, mensuráveis desde o surgimento do movimento até os dias atuais -, avalia-se aqui que este continua sendo um mercado em formação, numa concepção próxima à de Fligstein (2003). O principal indicador disso é o fato de que a *Elite do PRME* segue assumindo uma atuação voltada ao fortalecimento da “educação gerencial responsável”, de modo organizado, tal qual um movimento social. Os registros dos eventos ou encontros periódicos das PRME *champions* são frequentes nos relatórios analisados. A semelhança entre este grupo dirigente e um movimento social são muitas e superam a prática da militância pela “sustentabilidade”. O empenho no aumento do número de integrantes, fortalecimento das redes, estreitamento de laços com agentes estatais ou supranacionais, construção de uma identidade coletiva, são algumas das proximidades mais salientes. Tal *modus operandi* da *Elite do PRME* repercute no teor da competição entre as *business schools* que participam deste grupo: a relação é predominante do tipo de uma concorrência não-competitiva, tal qual delineada por Fligstein (2003) a respeito de mercados em fase de formação.

Figura 4. Registro de encontro anual dos PRME *champions* de 2018



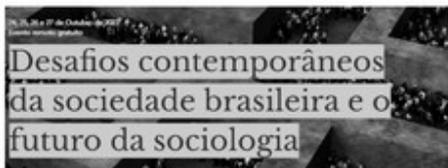
UN PRME Champions meeting in Nantes, France, in February 2018. Dr Jill Bogie attended for GIBS.

PRME Principles for Responsible
Management Education
CHAMPIONS
2018-2019

Fonte: extraído de Gordon Institute of Business Science – SIP report – 2018.

É importante reforçarmos aqui, e esta é uma das razões para nos interessarmos sociologicamente por este movimento, que a intenção performativa da *Elite do PRME* não se restringe à influência e transformação das demais escolas da rede do PRME ou daquelas possíveis interessadas: visam também os mais diversos agentes que povoam o campo econômico e, aqui, falamos sobretudo dos principais tomadores de decisão situados nas grandes empresas ou multinacionais, os *top managers*. São frequentes, nos relatórios analisados, as menções a trabalhos conjuntos com associações empresariais nacionais ou internacionais para fomentar a perspectiva da “sustentabilidade” e da “gestão responsável”. Um exemplo ilustrativo, interessante para pesquisadores da sociologia dedicados ao espaço nacional brasileiro, é o do programa *CEO Legacy* da Fundação Dom Cabral, uma iniciativa que reúne *top managers* de empresas dominantes no espaço econômico brasileiro para, como reivindicam, “ampliar a consciência e mobilizar lideranças para serem agentes de progresso na construção de legados relevantes e sustentáveis para as pessoas, organizações e sociedade”:

A *CEO Legacy* - iniciativa liderada pela FDC, desde 2016, reúne cerca de 35 CEOs de algumas das maiores empresas brasileiras e multinacionais com atuação no Brasil. Esses líderes, desafiados e estimulados pela necessidade de construir

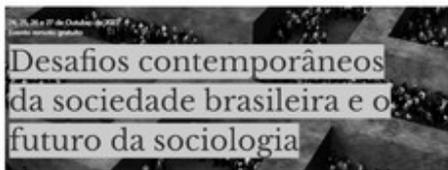


legados positivos para as organizações e a sociedade, buscam contribuir para o desenvolvimento de novas lideranças, engajadas e conectadas com a integração entre lucro e propósito, entre desempenho empresarial e progresso social. Em um espaço *prime*, construído em coautoria da FDC e dos CEOs, são promovidos diálogos, debates, reflexões e ações que configuram jornadas transformadoras no exercício da liderança baseada em valores, conectando o impacto positivo de suas decisões aos princípios do Pacto Global. A *raison d'être* da iniciativa, “ampliar a consciência e mobilizar lideranças para serem agentes de progresso na construção de legados relevantes e sustentáveis para as pessoas, organizações e sociedade”, reflete a missão da FDC. Ao expandir sua consciência e influência positiva, o CEO, membro da *Legacy*, faz parte de uma nova onda inspiradora e mobilizadora de líderes para a prosperidade. O Legado do CEO contribui para todos os princípios do Pacto Global. (extraído de FDC - relatório SIP – 2019. Tradução nossa⁵)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do *mercado internacional de educação gerencial para a sustentabilidade* traz repercussões diretas ao campo econômico. A pesquisa revela como a construção deste mercado pode ser entendida como um fenômeno social significativo, capaz de ajudar a compreender a disseminação do modelo de “desenvolvimento sustentável” da ONU. A militância pela “educação para a sustentabilidade” engendra um estado atual de concorrência não competitiva entre as escolas que compõem a *Elite do PRME*. Em última instância, o grupo de *business schools* que aqui analisamos se revela politicamente como um grande movimento social que articula ONU, empresas privadas, *business schools* e profissionais da área da gestão na busca por consolidar a “sustentabilidade” como parte da *doxa* do campo econômico.

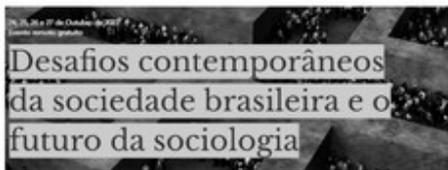
5 Trecho original: “CEOs’ Legacy - an initiative led by FDC, since 2016, brings together around 35 CEOs of some of the largest Brazilian and multinational companies with operations in Brazil. These leaders, challenged and encouraged by the need to build positive legacies for organizations and society, seek to contribute to the development of new leadership, engaged and connected with the integration of profit and purpose, business performance and social progress. In a prime space, built with co-authorship of FDC and CEOs, dialogues, debates, reflections, and actions that shape transformational journeys in the exercise of value-based leadership are promoted, connecting the positive impact of their decisions with the principles of the Global Compact. The *raison d'être* of the initiative, “broadening awareness and mobilizing leaders to be agents of progress in building relevant and sustainable legacies for people, organizations and society”, reflects FDC’s mission. By expanding their consciousness and positive influence, the CEO, member of the Legacy is part of a new inspiring and mobilizing wave of leaders for prosperity. THE CEO’s Legacy contributes to all the Global Compact Principles”.



Nesse sentido, a análise das propriedades sociais destas escolas vem possibilitando a identificação tanto das características distintivas desse grupo, quanto do seu *modus operandi* no campo econômico. Em relação a esse último ponto, o estudo das formas com que a *Elite do PRME* performa e prescreve o modelo de “desenvolvimento sustentável” para os atuais e futuros *top managers* vem se mostrando fundamental para a compreensão dos futuros desdobramentos do campo econômico internacional.

REFERÊNCIAS

- BARREIROS, B. C. **A institucionalização da “sustentabilidade” no espaço empresarial brasileiro: a emergência de uma elite de top managers e a conformação dos neófitos.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina para título de doutor em Sociologia Política. Florianópolis: 2019.
- _____. A “sustentabilidade” e os jovens gerentes empresariais: uma análise dos processos de conformação em business schools do Brasil e da França. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 19, n. 1, p. 89–118, 2022.
- BENNIE, L.; BERNHAGEN, P.; MITCHELL, N. J. The logic of transnational action: the good corporation and the global compact. **Political Studies**, v. 55, p. 733–753, 2007.
- BLANCHARD, M. From ‘Ecoles Supérieures de Commerce’ to ‘Management Schools’: transformations and continuity in French business schools. **European Journal of Education**, v. 44, n. 4, p. 586-604, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, P. **Las estructuras sociales de la economía.** Barcelona: Anagrama, 2003.
- BOURDIEU, P. O campo econômico. **Política e Sociedade**, vol. 6, p. 15-57, 2005.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2008.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Porto Alegre: Artmed. 2007.



DEZALAY, Y. De la défense de l'environnement au développement durable. L'émergence d'un champ d'expertise des politiques européennes. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, vol. 166-167, p. 66-79, 2007.

_____ ; MADSEN, M. R. Espaços de poderes nacionais, espaços de poderes internacionais. In: CANEDO, Leticia; TOMIZAKI, Kimi; GARCIA Jr, Afrânio (Orgs.). **Estratégias educativas das elites brasileiras na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 2013, p. 23-52

FLIGSTEIN, N. O mercado enquanto política: uma abordagem político-cultural às instituições de mercado. In PEIXOTO, J.; MARQUES, R. (Orgs). **A nova sociologia econômica**. Oeiras: Celta, p. 195-227, 2003.

FOURCADE, M; KHURANA, R. From social control to financial economics: the linked ecologies of economics and business in Twentieth Century America. **Theory and Society**, v. 42, n. 2, p. 121-159, 2013.

GARCIA-PARPET, M. F. A construção social de um mercado perfeito: o caso de Fontaines-en-sologne. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 20, p. 5-44, 2003.

RASCHE, A.; WADDOCK, S.; MCINTOSH, M. The United Nations global compact: retrospect and prospect. **Business & Society**, n. 52, p. 6–30, 2012.

SAINT-MARTIN, Monique de. Da reprodução às recomposições das elites: as elites administrativas, econômicas e políticas na França. **TOMO (UFS)**, n. 13, 2008.

SARTORE, M. S. O mercado socialmente responsável. **REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 4, n.2, p. 1-34, 2012.

STEINER, P. A doação de órgãos: a lei, o mercado e as famílias. **Tempo Social**, v. 16, n. 2, p. 101-128, 200